

P i n g a – F o g o

Chico Xavier e o Espiritismo

1 – Tive meu primeiro contato com o Espiritismo através dos livros de Chico Xavier; sua literatura me agradou e agrada muito; aprendi muito ali – porque devo, então, estudar Kardec?

Por uma figura meramente ilustrativa, imaginemos o Espiritismo como um edifício que possui apenas uma porta frontal e muitas nas laterais – aqueles que o adentram pela frente o fazem através das Obras Básicas, enquanto aqueles que escolham qualquer das portas laterais o fazem através de Chico Xavier, Ramatis, Luiz Sérgio, Edgar Armond, Divaldo Pereira Franco, enfim, toda sorte de autores mais ou menos populares cujas obras tangem em algum momento a Doutrina dos Espíritos. É fato já sabido, porém, que as obras que aí estão, compondo um continuum bibliográfico não têm, via de regra, compromisso com as Obras Básicas – e não são poucas as provas que vêm avolumar tal afirmação. A responsabilidade de Chico, contudo, reside no fato de haver permitido a publicação de um sem número de livros que se adéquam perfeitamente à tais descompromissadas obras. Ao estudar *O Livro dos Médiuns*, conclui-se que retidão moral não é a garantia de comunicações mediúnicas sempre superiores em conteúdo; afirmamos por isto que mesmo havendo algum valor literário nos mais de 400 livros psicografados por Chico Xavier, estes não apresentam mais que uma pálida pincelada dos fundamentos do Espiritismo. Allan Kardec foi autônomo ao lidar com os Espíritos, perquirindo-os, investigando-os e analisando-os a fim de alcançar conclusões tão validas hoje quanto há 150 anos – que não haja reconhecimento disto atualmente, não é sinal que o Espiritismo esteja ultrapassado, mas que os espíritas não lhe têm dedicado atenção de qualidade que esta doutrina necessita para ser bem compreendida. Chico Xavier, por seu turno, demonstrou em mais de uma ocasião de sua longa e derradeira encarnação que tomava para si um papel de submissão frente aos Espíritos, esquivando-se de considerá-los como iguais até, igualdade mui alardeada pelas Obras Básicas. Chico Xavier deixou uma obra psicográfica de reconhecido valor, mas que jamais poderá substituir ou complementar as Obras Básicas; as obras trazidas à público por sua prodigiosa psicografia tangem mais ao espiritualismo do que ao Espiritismo propriamente – basta analisar, estudar, despir-nos de toda idéia preconcebida que tenhamos acerca deste último e das Obras Básicas, para os cotejar, comparar, acarear.

2 – Entendo que a base da Doutrina dos Espíritos está nas Obras Básicas, mas a obra de Chico Xavier não é complementar a estas?

Não duvidamos que uma negativa respondesse satisfatoriamente a esta questão. Em se pretendendo encontrar legítimo Espiritismo nas obras psicografadas por Chico Xavier, o leitor ativo, o estudioso atento, saberá diferir tudo quanto caminha de par e passo com as Obras Básicas, tanto quanto os informes, conceitos e teses que marcham em sentido contrário. Necessitaríamos de uma obra tão vasta quanto a que Chico psicografou para analisar vírgula e ponto a fim de listarmos a totalidade de conceitos que se apresentam como espíritas sem o ser. Precisamos, contudo, partir de outra questão para alcançarmos uma satisfatória resposta – está o Espiritismo incompleto? Sim, pois considerando a necessidade de obras complementares, a Doutrina Espírita não é uma doutrina, mas uma meia doutrina.

Teríamos de, conseqüentemente, vir considerar que os Espíritos cujas mensagens urdiram a doutrina codificada por Allan Kardec não fizeram bom trabalho, ou seja, as bases inamalgáveis donde se sustenta o Espiritismo são, na realidade, bases móveis, que se adaptam ao sabor dos gênios e dos caprichos. Isto equivaleria afirmar que o Espiritismo, a exemplo da casa edificada sobre a areia, ruirá na iminência das intempéries. Em nos debruçando acerca do mérito da questão, o complemento do Espiritismo se encontra nas ciências, e não em romances ou livros que parecem filosofar sobre os Espíritos, mas que nada trazem de legitimamente espíritas – a obra psicográfica de Chico queira alguns ou não, possui livros que coadunam ao exemplo que acabamos de atentar.

3 – Temos testemunhado uma revisão da obra psicográfica de Chico Xavier, processo que parece haver sido iniciado após sua morte; são iniciativas tímidas, ou que timidamente são divulgadas pelos meios de comunicação espíritas. A obra de André Luiz, por conseqüência, também tem passado por tal escaninho, e alguns estudiosos tem dito que este Espírito é um Pseudo-sábio. Tal afirmação é correta?

Muitos dados positivos apontam isto. Entretanto, a análise das obras psicográficas de Chico, mais especificamente, aquelas de autoria do Espírito André Luiz não é fenômeno novo, apenas tem surgido

com maior visibilidade devido aos meios de comunicação atualmente disponíveis. Veja-se o que publicou José Herculano Pires em *Vampirismo*:

“O Espiritismo estaria sujeito à mais completa deformação, se os espíritas se entregassem ao delírio dos caçadores de novidades. André Luiz manifesta-se como um neófito empolgado pela doutrina, empregando às vezes termos que destoam da terminologia doutrinária e conceitos que nem sempre se ajustam aos princípios espíritas.”

O Espírito que se autodenominou André Luiz, por apropriação do nome do irmão de Chico Xavier, surge-nos como indigno de crédito no tocante ao Espiritismo – temos testemunhado muitos indivíduos que se dizem espíritas venderam sua confiança a este Espírito, considerando seus livros como revelações, sem que, para tanto, venham apresentar uma prova sequer que sustente isto. Estas tais revelações são as opiniões pessoais, freqüentemente romanceadas, que atrelam-se ao Espiritismo por atavismo dos seus leitores e idólatras, muito mais do que por mérito de suas obras. Pessoalmente nos atiramos com grande avidez a investigar sua primeira e máxima obra, *Nosso Lar*, uma vez que se relaciona a erraticidade, fundamento da Doutrina dos Espíritos por qual nutrimos grande pendor. De imediato podemos listar ao menos três conceitos presentes na citada obra que são diametralmente contrários ao Espiritismo – na visão de erraticidade de André Luiz os Espíritos habitam uma área delimitada do espaço (veja a questão 87 de *O Livro dos Espíritos*); confere erraticidade para os Espíritos dos animais (veja a questão 600 de *O Livro dos Espíritos*); também prega que os Espíritos possuem órgãos (veja a questão 257 de *O Livro dos Espíritos*). Eis que, conspurcando as partes, André Luiz corrompe e nega o todo. Ou seja, ao inventar uma erraticidade fantasiosa pelo acúmulo de conceitos contrários a Doutrina Espírita, ele nega a própria erraticidade como a entende o Espiritismo e, por conseguinte, ao próprio Espiritismo. É uma sucessão de fatos que atentam contra o bom senso de qualquer espírita, ou ao menos deveria assim o ser. Tendo encontrado tal sucessão de fantasias, poderíamos responsabilizar tanto o Espírito escrevinhador quanto os Espíritos leitores que diante de tal obra a aceitaram passivamente. Podemos concluir que André Luiz é um Espírito pseudo-sábio? Dados somam-se a favor de tal conclusão; uma vez que não desejamos incidir sobre as idéias de ninguém, cabe a cada espírita realizar sua investigação a fim de atingir termo próprio acerca de tal assunto. Acaso nossos dados vierem somar positivamente neste sentido, muito bem.

4 – Não seria esta uma conclusão precipitada? A obra de André Luiz não é consoladora por vir demonstrar uma erraticidade factível, muito mais plena de aspectos concretos e reconhecíveis aos Espíritos de nosso momento evolutivo do que o quadro pintado pelas Obras Básicas?

É do senso do leitor – se deseja crer numa fantasia a guisa de preencher uma lacuna, um hiato instrucional, por maior se apresente a mentira, é uma escolha que deve ser respeitada. Ora, cabe ao espírita estudioso esclarecer a diferença – como a dizer que uma é a realidade do Espírito em erraticidade segundo o Espiritismo, ou seja, segundo as Obras Básicas; no espectro oposto, tem-se a erraticidade de André Luiz e congêneres, cópia florida dos conceitos secularmente alardeados por doutrinas religiosas, acerca do que aguarda o ser após a morte do corpo físico. O Espiritismo trata de analisar tais conceitos em *O Céu e o Inferno* – quem leu tal obra? Quem a estudou? Justamente porque acreditamos que a resposta para ambas as questões é negativa para a maioria daqueles que se dizem espírita, temos a autoridade de quem realizou tal leitura e estudo para poder dizer que o modelo de erraticidade oferecido pelo espiritismo é muito mais lógico do que aquele de André Luiz, ou Espírito que o valha. Muito se questiona acerca do destino esperado após a morte – pois bem, a pergunta responde a si mesma: quem deseja um lugar pergunta por ele, ou seja, as pessoas querem crer que haja um local, uma região, uma área qualquer que lhe seja o destino post-mortem. Quem não teme a vida e compreende a grandeza da Criação sabe por instinto que o respeito a seu livre arbítrio é o melhor “presente” que o Criador lhe poderia ofertar. Assim, tais indivíduos estão muito mais preparados para ter um desencarne sem traumas, simplesmente porque esperam encontrar pessoas, afetos, e não lugares – quem espera lugar está apegado a matéria, é em essência um materialista. O consolo não está na casa, mas no colo da mãe, no afago do pai, no abraço do irmão e dos amigos – na mesma medida, o sofrimento não se encontra na gruta fétida escura, nem nos gemidos fantasmagóricos que cortam o silêncio sepulcral do inferno literário, mas na enorme culpa que se carrega ao estar defronte aos próprios erros, nas trevas que se sustenta dentro de si próprio, e não naquela pintada a cores berrantes pela imaginação de Espíritos escritores. Para onde vamos após a morte? Para onde for de nossa preferência, segundo nosso ponto particular de progresso – simples assim. Está tudo descrito com a segurança da ciência espírita nas Obras Básicas, especificamente em *O Céu e o Inferno*; basta ler, basta estudar.

5 – Surgiu recentemente a notícia segundo a qual André Luiz teria sido Faustino Monteiro Espozel, um médico neurologista carioca desencarnado no início do século XX. Isto é digno de crédito? Não estaria aí a autoridade comprovada de tal Espírito e de suas revelações, uma vez que se pode provar que foi realmente um cientista como alegado em *Nosso Lar*?

O cientista pergunta “como?”, ao passo que o filósofo pergunta “por quê?”. A idéia segundo a qual um Espírito que haja possuído uma formação científica numa específica reencarnação não é chancela de autoridade necessária para tomar-lhe as palavras como a realidade dos fatos. Seus conceitos serão tão ou mais limitados quanto for sua visão de conjunto, que apenas conceitos filosóficos podem agregar a estes. Veja-se, por exemplo, os Espíritos cujas assinaturas constam dos prolegômenos de *O Livro dos Espíritos* – estão ali cientistas e filósofos, formando um conjunto coerente de sábios capazes de fazer frente a argúcia intelectual de Allan Kardec, o perquiridor máximo que a tudo quer saber. E que cenário temos em *Nosso Lar*? Um Espírito cuja história romanceada é narrada ao médium que lhe faz jus entregando-se completamente ao trabalho proposto; não há critérios, não há investigação, questionamentos, espaço para a menor dúvida – aqui, o médium é apenas o mais azeitado instrumento que um Espírito escritor poderia desejar. Faustino Monteiro Espozel é apenas o mais novo suspeito de haver sido André Luiz, e não temos razões para duvidar do trabalho daqueles que encontraram neste o candidato mais coerente, porque simplesmente não tivemos acesso a totalidade dos documentos, ao processo investigativo empregado e aos envolvidos aí. Assim como todo aquele que pode ter acesso aos informes oriundos da internet, nós também encontramos a fonte de tal informação em página assinada pelo jornalista Augusto dos Anjos, alegadamente o descobridor da identidade. Pelo que ali se encontra não temos razões maiores para negar coisa alguma; que seja Faustino realmente André Luiz, isto nada acrescentará a questão, senão será ainda mais demeritório ao próprio Espírito. Uma vez que em vida o médico Faustino não foi espírita, que autoridade teria, após o desencarne, para tratar do assunto? O que de mais destaque fez em vida foi ter sido presidente do clube de regatas Flamengo – em tempo anterior a profissionalização do futebol no Brasil – pergunta-se: o que sabe um presidente de um clube de futebol acerca do Espiritismo? Acaso *Nosso Lar* se chamasse *Nosso Campo* e apresentasse em narrativas curtas a influência dos Espíritos sobre os jogadores de futebol durante as partidas, André Luiz seria digno de aplausos. Mas, quis tratar daquilo que desconhecia. Temos sua obra para verificar seus reais conhecimentos acerca do Espiritismo, independente da identidade que tenha tido em sua derradeira encarnação.

6 – Onde André Luiz está equivocado em *Nosso Lar*?

A começar pelos primeiros capítulos de tal obra, onde este Espírito descreve sensações que são, antes, impressões vestigiais de quando possuía um corpo físico. Isto, obviamente, não está ali explicado justamente porque tal obra não é um livro que se proponha a explicar nada, mas a conduzir o leitor a se emocionar – por isto mesmo trata-se de um romance, ou seja, uma narrativa fictícia com o objetivo primaz de entreter; neste pormenor, chamamos a atenção para o fato de *Nosso Lar* ser uma obra subdividida em cinquenta capítulos, onde André Luiz, personagem narrador, chora em praticamente todos eles – isto é uma ferramenta literária que visa criar uma ponte de ligação sentimental com o leitor, ou seja, é um subterfúgio canhestro de um narrador menor, que apela ao leitor compondo quadros terroristas de um pós-vida adequados a observadores emocionalmente imaturos. Qualquer lição moral que se encontre em tal obra, anula-se quando confrontada com passagens tais como:

“Seis grandes carros, formato diligência, precedidos de matilhas de cães alegres e bulhentos, eram tirados por animais que, mesmo de longe, me pareceram iguais aos muares terrestres. Mas a nota mais interessante era os grandes bandos de aves, de corpo volumoso, que voavam a curta distância, acima dos carros, produzindo ruídos singulares.”

Atentamos novamente para o fato segundo o qual não há animais em erraticidade. Nem cães, nem aves, tampouco muares, que são animais híbridos de asnos e cavalos, ou seja, mulas e burros, criaturas de extrema tenacidade, força e resistência, usados em trabalhos pesadíssimos – para que a necessidade de seres desta ordem num mundo que se supõe formado por fluidos, ou seja, matéria muitíssimo menos grosseira que a de nosso mundo físico? Enveredarmos por dar algum crédito às observações de André Luiz apenas nos faria emprestar-lhe uma importância que de fato não possui. Todavia, se há dúvidas a persistir, veja-se o que mais tal Espírito tem a oferecer:

“_Os cães facilitam o trabalho, os muares suportam cargas pacientemente e fornecem calor nas zonas onde se faça necessário; e aquelas aves – acrescentou, indicando-as no espaço –, que denominamos íbis

viajores, são excelentes auxiliares dos Samaritanos, por devorarem as formas mentais odiosas e perversas, entrando em luta franca com as trevas umbralinas.”

Descobrimos a razão de ser de tais animais em *Nosso Lar* – suportar cargas e fornecer calor; para quem, nos perguntamos? Espíritos não sentem frio para necessitar de calor e vice-versa, tanto quanto, repetimos os fluidos não representam o volume necessário à força de bestas de carga. Há ainda as aves “íbis viajores”, que devoram formas mentais odiosas e perversas; devemos crer que André Luiz não estudou *A Gênese* em seu capítulo XIV, intitulado *Os Fluidos*? Não é possível adentrar a ordem de conceitos expressos em *Nosso Lar* sem nos depararmos com tais cenários absurdos, ora terroristas ora dantescos, que a cada capítulo soma-se em um conjunto grotescamente composto cuja conseqüência é impressionar pelo terror, suscitando temor ao leitor, e torcendo um dos conceitos fundamentais da Doutrina dos Espíritos, a erraticidade, torce o próprio Espiritismo.

7 – *Nosso Lar* é prefaciado por Emmanuel, benfeitor espiritual de Chico Xavier, em texto cujas linhas referem-se a André Luiz como amigo; Chico, após a psicografia da obra, teria experimentado uma viagem por *Nosso Lar*, acompanhado de seu benfeitor e de André Luiz – considerando-se que tudo ali é uma mentira, ou antes, uma narrativa ficcional, que objetivos teriam tais Espíritos em compor e divulgar esta obra? A que ela se presta?

Segundo um adágio popular, a mentira tem perna curta. As “revelações” de André Luiz, mais cedo ou mais tarde, revelar-se-iam por aquilo que são: um grande embuste, sendo que isto acarretaria a situação seguinte – aqueles que dão crédito a André Luiz o fazem obstinadamente, ou seja, jamais haverá provas suficientes para vir dissuadi-los. E isto porque não estão prontos a conhecer algo diverso, mais racional do que aquilo que os limitou às emoções de leitor passivo, pouco afeito a reflexão daquilo que leram e lêem. Em contrapartida, os que sustentam as provas do engodo não poderão mais aceitar André Luiz como o revelador que o supunham. Sejam os primeiros maiores em número que os segundos, ou vice-versa, estará estabelecida uma cisão, um cisma. Os primeiros, crédulos e afeitos a idolatria de Espíritos, estarão prontos a aceitar mais “revelações”, que, via de regra, consideram complementares ao Espiritismo. É desta forma que os Espíritos aglutinam junto de si um séqüito de seguidores fieis, fascinados por um ideário falso e sem bases racionais. Como pode comprovar a prática, os crédulos são em maior número que os que tratam de exercitar seu espírito crítico, ocasionando de os primeiros acreditarem-se mais espíritas que os segundos, ou ainda, simplesmente não considerarem tais críticos na condição de espíritas. Assim, dois movimentos de indivíduos que parecem pregar os mesmos conceitos se apartam a fim de evitar conflitos – eis aqui a razão de ser por trás de obras do quilate de *Nosso Lar*: cindir, apartar, desagregar, dividir.

8 – *Por isto diferem-se Espíritas e Espíritas Kardecistas?*

Não há maior exemplo do que acabamos de tratar do que esta diferenciação conceitual – equivocada, diga-se de passagem. Não há Espíritas Kardecistas, porque em teoria todos os espíritas deveriam ser kardecistas, uma vez que esta doutrina surgiu com as obras de Allan Kardec; mas mesmo aí há um equívoco, pois a doutrina não é kardeciana, mas sim dos Espíritos. Kardec é taxativo em um sem número de ocasiões ao chamar a atenção para isso, esclarecendo que o mérito está no fato de a doutrina ser produto de uma coletividade, e não de um indivíduo. O certo está bastante claro já na *Introdução* de *O Livro dos Espíritos* – somos espíritas ou spiritistas; ambos os termos são corretos, e definem os adeptos da Doutrina dos Espíritos, ou Espiritismo. Mas, como o povo brasileiro conseguiu a façanha de transformar o Espiritismo em religião, vulgarizando o termo espírita e spiritista, hoje se pode testemunhar com alguma facilidade indivíduos e instituições que dizem ser espíritas sem jamais haver aberto uma só das Obras Básicas que trazem os fundamentos de tal doutrina. A guisa de justificar o progresso da própria língua portuguesa falada em nosso país, não são poucos os estudiosos que fazem vista grossa a esse crime de lesa-cultura, relativizando a importância da palavra e de seu uso; diante de um cenário que conta com a cumplicidade de laureados bacharéis, cuja importância é superestimada em nossa cultura, que se pode fazer? Não há atitude mais coerente que proceder com os estudos, conhecendo e compreendendo o Espiritismo em suas bases, para fazer valer a alcunha de espírita, verdadeiro espírita.

9 – *Isto faz crer que não haja, de fato, um Movimento Espírita nos moldes que se apregoa pelos meios de comunicação – isto é correto? Os que se dizem espírita não o são realmente?*

Não é esta uma idéia de toda falsa – na realidade, ela guarda uma grande verdade. Que a palavra espírita e Espiritismo já foram vulgarizados neste grande supermercado sincrético brasileiro, é fato já sabido. Mas,

o que nunca pareceu chamar a atenção dos estudiosos é que um movimento que divulga uma doutrina deve conhecê-la para tanto; isto é assim com doutrinas de toda sorte, de quaisquer disciplinas e ideologias. Todavia, assim como entre os marxistas se pode contar nos dedos de uma mão os que leram Marx, o mesmo se aplica ao Espiritismo. Desta forma, um movimento que busca pregar o Espiritismo, mas não o conhece, prega o que? Podemos afirmar com conhecimento de causa que a formação daqueles que se dizem espíritas nas lides da Doutrina reside na leitura de uma dúzia de livros, via de regra romances, que crêem guardar o conhecimento que lhes faculta saber acerca do Espiritismo, com alguma profundidade. Aventou-se já para críticos primários e amadores que se definissem o que é um espírita, mas, por processo de eliminação podemos dizer aquilo que não é um espírita – e, certamente, não é espírita aquele que tem preguiça mental de ler e estudar as Obras Básicas. Allan Kardec foi um professor, e como tal não descartou a necessidade do estudo da imensa obra que vinha codificando, chamando a atenção para isto um sem número de vezes em todos os seus escritos. Veja-se:

“Quem não quer ter o trabalho de estudar, demonstra mais curiosidade do que o desejo real de se instruir.”

“Acrescentemos que o estudo de uma doutrina, qual a Doutrina Espírita, que nos lança de súbito numa ordem de coisas tão nova quão grande, só pode ser feito com utilidade por homens sérios, perseverantes, livres de prevenções e animados de firme e sincera vontade de chegar a um resultado.”

E a que resultados desejam chegar os que se propõem a dizerem-se espíritas? De nossa parte, sabemos por que somos espíritas, e a que resultados almejamos ao estudar tal doutrina; cabe a cada um examinar a si mesmo a fim de saber suas próprias motivações. Sim, podemos admitir com os dados que nos acumulam pela experiência que não há um Movimento Espírita, pois que o Espiritismo está por ser descoberto. Apregoar a existência da reencarnação sem fornecer dados para tanto aloca esta pregação na esfera da crença, jamais do saber – que o diga o saber que foi aprofundado pelo estudo coerente e criterioso. E a reencarnação é apenas uma dentre as cinco leis naturais reveladas pelo Espiritismo, e que o fundamentam, portanto. Como podemos ouvir de supostos espíritas que a vida é injusta, que se deve considerar a aplicação da pena de morte ao facínora em caso de crime hediondo, que o espírita verdadeiro não se alimenta de carne, enfim, toda sorte de asneiras que não coadunam com o Espiritismo? Podemos concluir, doa a quem doer, que não há um Movimento Espírita, mas estudiosos esparsos que mantêm viva a Doutrina dos Espíritos codificada por Allan Kardec.

10 – O que se pode concluir, portanto, acerca da atuação de Chico Xavier? Qual seu papel frente ao Espiritismo?

Pedimos licença para tratar do homem, sem o qual não alcançaremos a chave de um entendimento mais aprofundado da questão. Chico era um espírito simplório, indivíduo que é bom até o ponto de fazer-se passar por toda sorte de engodos, porque ingenuamente espera apenas a bondade da parte de seus semelhantes. Sabemos ser essa uma atitude equivocada, que traz prejuízos de toda espécie – ser bom não significa ser imprudente; a bondade, tampouco, é sinônimo de inocência. Não vivemos uma utopia de Espíritos de elevado progresso, cuja interação pauta-se em concórdia perene. Chico Xavier teve e ainda tem, segundo nossa visão, um papel dúbio junto ao Espiritismo prático, ou seja, aquilo que se convencionou chamar por Movimento Espírita, e que acima alegamos não existir. Sua mediunidade exponencialmente ostensiva, e multifacetada em diversas medianimidades facultou-lhe não apenas o sucesso literário, mas a fomentação de um mito com o qual não soube lidar – Chico Xavier tornou-se mais que homem na mente dos idólatras que faziam fila para vê-lo, para estar em sua presença e colher dele, se possível, alguma “benção” especial. É ilustrativo que ninguém jamais lhe tenha perguntado acerca de seu desejo por toda esta atenção; sempre o consideraram um “iluminado” sem que ele tenha tido escolha em sustentar essa luz sobre os ombros, década após década mais e mais luminosa, a ponto de cegar as pessoas para quem ele realmente foi, em toda sua maneira simplória, um homem incapaz de uma negativa. Os supostos espíritas não parecem saber que Chico usava o toalete de quando em vez, que sua prodigiosa mediunidade não o poupou de ter sido alvo de obsessões e da má-fé de editores e instituições espíritas que enriqueceram a custa de suas obras psicográficas, vendidos na casa dos milhões de exemplares. Tendo atraído a atenção para o Espiritismo, perguntamos que espécie de Espiritismo? Em sua célebre entrevista ao programa Pinga-Fogo, da extinta rede de TV Tupi, ele refere-se aos espíritas como “espíritas evangélicos”, cousa que não existe e dá uma demonstração dos conhecimentos espíritas limitados de Chico Xavier.

Seu mito era tão grande àquele tempo que, dentre seus entrevistadores, temos um deslumbrado José

Herculano Pires, que se limita a questões pouco profundas, talvez intimidado por estar diante do médium mineiro. Em sua existência, Chico viveu um arremedo de sacerdócio sem que, contudo, fosse preciso; suas psicografias tangenciaram conceitos espíritas, mas também outros que nada têm que ver com a Doutrina dos Espíritos. Por conta disto e de tantos outros pontos que caberiam uma obra à parte para expor, cremos e defendemos que o papel de Chico Xavier foi dúbio. Ele poderia ter alcançado mais? Certamente, e com muito menos esforço; mas para isso, precisaria estudar, dedicar parte de seu tempo a criteriosa análise das Obras Básicas – isto teria evitado grandes equívocos.

11 – Como se pode alegar que Chico Xavier desconhecia o Espiritismo? Que provas há neste sentido?

A defesa desta tese está embasada nas obras que legou a posteridade – Allan Kardec foi claro em um sem número de vezes acerca da imprudência de se divulgar tudo quanto vinha dos Espíritos. Acaso haja culpabilidade da parte de Chico Xavier ela recai acerca da absoluta falta de critérios quanto ao destino de suas psicografias, estritamente no tocante as obras literárias. Contudo, em que se nos solicite provas, veja-se este trecho da obra *As Vidas de Chico Xavier*, de Marcel Souto Maior.

*“Logo após escrever **Nosso Lar**, seu décimo nono livro, o próprio Chico quis estudar psicografia. Pediu a opinião de Emmanuel e foi atendido com uma metáfora bucólica:*

‘_Se a laranjeira quisesse estudar o que se passa com ela na produção das laranjas, com certeza não produziria fruto algum. Vamos trabalhar como se amanhã já não fosse possível fazer nada. Para nós o que interessa agora é trabalhar’”

Por maiores fossem as necessidades de trabalho, não se pode executar bem tal ou tal tarefa sem que se saiba o que está fazendo, como proceder. Uma vez que Chico sentiu a necessidade de um estudo acerca da mediunidade é, pois, porque não compreendia completamente como se operava o processo de intercâmbio de Espíritos através desta. Pode-se, então, concluir pela ignorância de Chico Xavier quanto a um dos fundamentos do Espiritismo, a mediunidade. Por conseguinte, podemos alcançar a mesma conclusão relativa a erraticidade, outro fundamento da doutrina que foi descaracterizado por mais de um dos livros que psicografou. Porventura tivesse conhecimento do Espiritismo, haveria por seus próprios esforços tratado de suprimir do público muitas das obras que psicografou, e que encerram conceitos contrários ao Espiritismo. Portanto, é processo natural que, atualmente, esteja-se realizando o que não foi feito no pretérito, e tratando de passar pelo crivo da razão as obras psicográficas de tal médium.

12 – O que era o Espiritismo antes de Chico Xavier?

O que sempre foi. A importância de Chico Xavier é superestimada por aqueles que se ligaram emocionalmente a sua figura, alimentaram seu mito e o idolatraram como santo. O Espiritismo divulgado por Chico Xavier não é aquele que se encontra nas Obras Básicas, mas uma distorção de flagrantes características religiosas. Seu caráter simplório e bondoso, e sua mediunidade espantosa e a prova de qualquer teste foram, e continuam sendo a pedra de toque capaz de convencer até o mais empedernido dos céticos. Nossas palavras não têm, aqui, senão o objetivo de destruir o mito, pois porque o Espiritismo não os pode alimentar a propósito de tornarem-se os “santos” de nossa “igreja”.

O homem Chico Xavier, ainda que tenhamos adentrado a tratar do homem, parêntese que fizemos a guisa de e sem o qual não poderíamos avançar em nossas explicações, permanece intacto, contudo.

Não lhe podemos derrogar um só de seus méritos, mas não tapando os olhos para seus deméritos. É necessário que também ele, assim como sua imensa obra psicográfica seja analisada a luz da razão, e não apenas da emoção. O Espiritismo ainda propõe seus fundamentos inamalgáveis; ora nossa crítica recai exclusivamente sobre o assim denominado Movimento Espírita, que se propõe ser a prática deste. Chico Xavier tem sua parcela de responsabilidade pela situação que aí se perpetua, de um grupelho que se conta aos milhões, e que apenas recorda-se de ser espírita quando presentes as dependências de um centro espírita – já até se fala em espírita não praticante, a exemplo dos católicos. Isto é de um absurdo abismal. Serão tais espíritas realmente espíritas? Formarão eles um grupo coeso, com um conhecimento devidamente embasado acerca do Espiritismo? Temos nossas dúvidas. Recordamos a espetacular mediunidade de Chico Xavier haver sido testada quando este se contava entre os encarnados, mas não podemos lembrar-nos de haverem lhe sabatinado acerca das Obras Básicas. Reiteramos que nossas críticas não recaem sobre a característica bondade de Chico Xavier, sobre suas ações beneméritas e sobre os bons exemplos que deixou, mas sobre a extensão de seus conhecimentos acerca da Doutrina dos Espíritos, e das conseqüências oriundas deste.